



ARTIGO
DOI: 10.5216/rppoi.v21.74635
EDUCAÇÃO

TRABALHO E JORNADA ACADÊMICA: QUAIS AS SUAS IMPLICAÇÕES?

WORK AND ACADEMIC LIFE: WHAT ARE THE IMPLICATIONS?

TRABAJO Y VIDA ACADÉMICA: ¿CUÁLES SON LAS IMPLICACIONES?

Felipe Fabricio Genuino Sampaio¹ - <https://orcid.org/0000-0001-7133-2641>

Francione Charapa Alves² - <http://orcid.org/0000-0002-8405-8773>

Resumo

O presente trabalho é proveniente de uma pesquisa realizada com estudantes do Instituto de Formação de Educadores, campus de Brejo Santo, da Universidade Federal do Cariri e objetiva entender como a necessidade de ter que trabalhar influencia na rotina estudantil e na jornada acadêmica do estudante. A pesquisa é de cunho qualitativa, e exploratória. Foi realizada por meio de um formulário online. O formulário foi direcionado a estudantes com matrícula ativa em algum curso do instituto supracitado e que exercesse algum tipo de trabalho. Após a aplicação, os dados foram organizados e analisados. Os resultados evidenciaram que o público trabalhador encontra algumas dificuldades durante seu percurso acadêmico, as dificuldades são relacionadas aos horários, falta de tempo para estudar, cumprir atividades acadêmicas e ainda, relaciona-se com a estrutura curricular do seu curso.

Palavras-chave: Jornada acadêmica. Trabalho. Estudos. Ensino Superior.

Abstract

The present work comes from a research carried out with students of the Institute of Educators Training, Brejo Santo campus, of the Federal University of Cariri and aims to understand how the need to have to work influences the student routine and the student's academic journey. The research is qualitative and exploratory. It was carried out using

¹Estudante do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Cariri, bolsista do projeto de pesquisa que aborda a interseccionalidade, acesso ao ensino superior e os marcadores de diferença de estudantes. E-mail: felipe.fabricio@aluno.ufca.edu.br

²Pós-doutora em Educação (UECE- 2017). Doutora em Educação (UFC-2016). Doutorado Sanduíche (UL-Lisboa-2016). Mestre em Educação (UECE-2011). Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (PMEDU/URCA). E-mail: francione.alves@ufca.edu.br

an online form. The form was directed to students with active enrollment in any course of the aforementioned institute and who had some kind of work. After application, the data were organized and analyzed. The results showed that the working public encounters some difficulties during their academic journey, the difficulties are related to schedules, lack of time to study, fulfill academic activities and also relate to the curricular structure of their course.

Keywords: Academic journey. Work. Studies. Higher education.

Resumen

Este trabajo proviene de una encuesta realizada a los estudiantes del Instituto de Formación de Educadores, campus Brejo Santo de la Universidad Federal de Cariri, y tiene como objetivo comprender cómo la necesidad de trabajar influye en la rutina y en la trayectoria académica del estudiante. La investigación es cualitativa y exploratoria. Se llevó a cabo mediante un formulario en línea. El formulario fue enviado a los estudiantes que estaban activamente matriculados en un curso en el mencionado instituto y que tenían algún tipo de trabajo. Tras la aplicación, se organizaron y analizaron los datos. Los resultados mostraron que el público trabajador encuentra algunas dificultades durante su recorrido académico, relacionadas con los horarios, la falta de tiempo para estudiar, cumplir con las actividades académicas y la estructura curricular de su curso.

Palabras clave: Trayecto académico. Trabajo. Estudios. Enseñanza superior.

Data de submissão: 09/08/2023

Data de aceite: 25/110/2023

Introdução

Estudantes do ensino superior, costumam, durante sua trajetória acadêmica, vivenciar situações que refletem diretamente no seu processo formativo, na sua aprendizagem e na sua capacidade de dedicar-se integralmente ao curso. São situações que envolvem aspectos relacionados à locomoção, saúde física e mental, aspectos financeiros e exercício de trabalho.

Historicamente, os cursos de licenciatura, em especial os noturnos, costumam ser preenchidos por estudantes oriundos de classes sociais menos favorecidas e egressos de escolas públicas. Nesta seara, sempre existe um percentual significativo de estudantes que precisam dividir sua jornada entre trabalho e estudos, empregos formais e/ou informais que são ou

que complementam a renda do estudante e da sua família.

No que concerne à graduação, a formação de nível superior é vista como sinônimo de possibilidade para garantir mobilidade social e acesso a melhores empregos e remunerações. Ademais, é sobre este prisma que trabalhadores/as costumam optar por cursos noturnos.

Diante do exposto, entende-se que é difícil a decisão de preterir o trabalho em detrimento dos estudos e vice-versa. Neste sentido, trabalhar e estudar se configura como um desafio para estes estudantes. É preciso salientar que em muitos casos o trabalho é uma condição indispensável para aqueles que precisam dividir sua jornada entre estudos e atividade laboral, pois, é o trabalho que fornece um amparo financeiro que garante a manutenção dos estudos do indivíduo. Pois, como bem nos diz Vargas e Paula (2013): “Por vezes o trabalho dificulta

a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização” (p. 465).

Todavia, é importante entender que nem sempre um vai causar impactos negativos sobre o outro. A depender do tipo de trabalho exercido, a conjugação entre a atividade laboral e os estudos, pode ser mais difícil e desgastante ou mais tranquila e de fácil conciliação, neste sentido, é importante ponderar o serviço realizado, a carga horária e as exigências, bem como as condições ofertadas pelo curso.

O trabalho muitas vezes inibe tempo para dedicar-se às demandas do curso superior (estágios, projetos de pesquisa e extensão, atividades complementares e estudos/leituras), fazendo com que em muitas situações o indivíduo seja obrigado a abrir mão de horas de sono, opte por refeições rápidas, processadas e menos saudáveis, perca momentos de lazer e descontração, gerando desgaste e por consequência dificultando a conciliação efetiva da dupla jornada.

No Instituto de Formação de Educadores (IFE) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), campus Brejo Santo-CE, observa-se empiricamente, um significativo percentual de discentes que estudam e trabalham, e que não possuem condições de largar o trabalho para dedicar-se exclusivamente aos estudos. Partindo do pressuposto que ter que conciliar trabalho e estudos, traz alguns impactos ao percurso acadêmico. O objetivo desta pesquisa é entender como a necessidade de ter que trabalhar influencia na rotina estudantil e na jornada acadêmica do estudante, entre os estudantes do campus supracitado.

Diante do exposto, compreender as relações entre trabalho e estudos, e suas possíveis implicações na jornada acadêmica configura-se como uma tarefa relevante, pois, a partir dos resultados obtidos é possível elaborar políticas institucionais voltadas a este público visando melhorar a sua vida acadêmica, caso seja necessário.

Metodologia

A presente pesquisa se insere em uma abordagem qualitativa. De acordo com Richardson (2015) *apud* Marconi e Lakatos (2017) este tipo de pesquisa busca a “compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas [...] em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (p. 303). É importante ressaltar que uma pesquisa qualitativa responde a questões, sobretudo, particulares. Portanto, destaca aspectos subjetivos fornecidos pelos participantes da pesquisa (Marconi; Lakatos, 2017).

Trata-se de uma pesquisa exploratória em que a coleta de dados se deu a partir da aplicação de um questionário *on-line* através da plataforma *Google Formulários*. Foram selecionados³ 10 estudantes⁴ que atendiam ao perfil, pois no período⁵ da aplicação da pesquisa exerciam algum tipo de trabalho, formal ou informal, autônomo ou prestação de serviços, ademais era preciso que estivessem com matrícula ativa em um dos cursos do Instituto de Formação de Educadores⁶. Optou-se por uma aplicação *on-line* em virtude da facilidade e agilidade do processo, ficando mais simples levantar e quantificar dados para análises posteriores. De acordo com Severino (2007), o questionário configura-se como um:

³ A seleção dos sujeitos participantes da pesquisa foi feita de forma individual pelo bolsista autor desta produção. Na seleção buscou-se somente estudantes com vínculos empregatícios e com matrícula regular e ativa em algum curso do Instituto de Formação de Educadores.

⁴ Somente 9 responderam ao questionário.

⁵ A coleta de dados ocorreu em abril de 2023, o envio do questionário ocorreu no dia 31/03/2023

⁶ O Instituto de Formação de Educadores possui atualmente 6 cursos de licenciatura sendo eles: Pedagogia, Licenciatura Interdisciplinas em Ciências Naturais (reformulado, antigamente Licenciatura interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática), Química, Física, Biologia e Matemática.

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. (p. 134).

A estrutura do questionário contém doze questões, sendo oito objetivas/fechadas e quatro abertas. As questões abertas referem-se ao entendimento da jornada de trabalho e suas relações e impactos para com os estudos. A opção por colocá-las abertas, justifica-se no fato de possibilitar que o sujeito participante da pesquisa se sinta mais à vontade para expressar suas respostas, ademais, também pode permitir ao pesquisador captar aspectos mais subjetivos acerca dos objetivos da pesquisa, rendendo análises mais amplas e aprofundadas. Ademais, antes das questões específicas da pesquisa, o questionário apresenta um termo de consentimento de participação do sujeito no trabalho, bem como, de preservação do anonimato. Vale ressaltar que esse trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla⁷, que teve aprovação no Comitê de Ética⁸ da Universidade Federal do Cariri.

Concluída a coleta dos dados, os resultados foram organizados, analisados e discutidos à luz dos referenciais teóricos estudados para a realização da presente pesquisa. Para a interpretação dos dados, há toda uma estrutura de organização que auxilia as análises que devem ser realizadas com rigor técnico e teórico, desta forma, propiciando que a relatoria contenha dados significativos, pontuais e concisos. Os dados

foram filtrados, categorizados e organizados para a produção das análises e relatório.

As interpretações dos dados foram possíveis com aproximação às Análises Fenomenológicas Interpretativas, que permite ao pesquisador investigar um pequeno número de participantes para “encontrar um grupo razoavelmente homogêneo em determinada característica, de forma que seja possível avaliar a convergência e divergência entre certos aspectos na experiência vivida pelos(as) participantes da pesquisa”. (Tombolato; Santos, 2020, p. 298). Portanto, as conclusões se restringem ao grupo investigado, mas ao mesmo tempo, podemos considerar uma certa extensão por meio de uma *generalização teórica*, na qual o leitor pode ser capaz de avaliar a evidência em relação ao seu conhecimento profissional e experiencial. (Tombolato; Santos; 2020).

Resultados e discussões

A busca pela graduação é alicerçada na possibilidade de alcançar melhores postos de trabalho e remuneração. A expansão do ensino superior pelo Brasil a partir de programas fomentados pelo governo federal, levou universidades a regiões interioranas e expandiu a oferta de cursos superiores. Tal panorama possibilitou que trabalhadores de classes populares e de baixa renda chegassem à universidade e tivessem condições de obter um diploma. Neste cenário, as universidades, em especial nos cursos de licenciatura noturnos, passam a presenciar uma massificação de estudantes em situação ocupacional. “*Estudar no período noturno é para muitos a única opção para prosseguimento de estudo, pois trabalham durante o dia*” (Mesquita, 2010, p. 18)”.

Acerca disto, surgem discussões pertinentes sobre as condições de permanência e os desafios enfrentados por este grupo durante a trajetória acadêmica. São estas condições e desafios que devem ser analisadas e refletidas, uma vez que nas

⁷ Projeto de pesquisa intitulado por Interseccionalidade e acesso ao ensino superior: Marcadores de diferença de estudantes do Instituto de Formação de Educadores. A referida pesquisa conta a participação de dois bolsistas e uma voluntária;

⁸ A pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética (nº 4.568.197), teve início no ano de 2020 e foi finalizada em 2023. Inicialmente foi financiada pela UFCA e FUNCAP, e a partir de 2021, pelo CNPQ e UFCA.

universidades, principalmente de regiões interioranas como é o caso do Cariri cearense é natural receber uma grande quantidade de pessoas que buscam a graduação sem precisar abrir mão do trabalho.

Estudar e trabalhar não é novidade em um país onde a renda *per capita* não alcança três salários mínimos e o acesso ao ensino superior é realidade para poucos. O nó da questão é justamente em que condições reais este acesso, permanência e conclusão se efetivam para aqueles que trabalham e estudam. (Mesquita, 2010, p. 16)

Estudantes-Trabalhadores e/ou Trabalhadores-Estudantes, passam a ser um marcador de análise no que concerne aos desafios acerca da permanência no ensino superior. Uma vez que, vivenciar uma dupla jornada, impõe a necessidade de renúncias acadêmicas, trabalhistas e familiares, ajustes de horários e desgaste físico e emocional, bem como, gera incertezas.

Diante do exposto, vamos aos resultados obtidos. Responderam ao questionário nove estudantes, sendo: um do curso de pedagogia, três de matemática, um de química, três de ciências biológicas e um do curso interdisciplinar em ciências naturais e matemática.

No que tange aos aspectos pessoais dos participantes da pesquisa, o questionário levantou dados referentes a raça/cor e também ao sexo/gênero, uma vez que estas informações podem vir ser úteis para as análises presentes e/ou posteriores. Entre quem respondeu, seis são do sexo feminino e três do sexo masculino. Quatro se afirmam como preto/a, quatro como pardo/a e um(a) como branco/a. No que diz respeito a faixa de idade dos sujeitos, oito estão na faixa etária de 21 e 25 anos e um possui mais de 30 anos.

Como já supracitado, os participantes que responderam ao questionário foram selecionados, portanto, foi direcionado somente para quem exerce algum tipo de trabalho. Dito isto, a

estratificação dos dados trabalhistas se apresentou da seguinte forma: quatro afirmaram trabalhar em regime CLT com carteira assinada e outros três afirmaram trabalhar contratados, uma trabalha como auxiliar de professor e por fim, um participante trabalha como profissional informal. Todos exercem trabalho no município de Brejo Santo, sendo sete no setor público e dois no setor privado. Entre as pessoas que responderam, oito afirmaram trabalhar no setor educacional.

No que concerne à carga horária de trabalho, tivemos os seguintes resultados: três pessoas trabalham 40 horas por semana, quatro pessoas trabalham por 20 horas semanais, uma pessoa por 19 horas semanais e outra pessoa com 32 horas semanais.

As respostas obtidas mostraram que as implicações do trabalho na rotina acadêmica ocorrem sobre variados aspectos, situações relacionadas a falta de tempo para estudar, dificuldade em conciliar horários de aula e de trabalho e até empecilhos com a estrutura curricular do curso foram elencados nas respostas.

O trabalho do estudante tanto prejudica seu desempenho em atividades ligadas ao aprendizado como também reduz seu grau de envolvimento com o ambiente acadêmico. É como se pelo fato de trabalhar, o jovem deixasse de gozar plenamente sua condição de estudante e a experiência do trabalho estivesse deslocada. Os estudantes que trabalham jamais constituem a regra (mesmo que em termos numéricos sejam maioria), mas são a exceção. É o desviante no sentido de estar meio fora - trabalhador - e meio dentro da universidade - estudante (Cardoso, Sampaio, 1994, p. 02).

As condições vivenciadas impõem a necessidade de adaptações constantes as demandas acadêmicas e trabalhistas, desta forma, trazendo dificuldades em dedicar-se de forma assídua e integral as demandas provenientes do curso de graduação. Isso por

sua vez pode comprometer o nível da formação.

Diante disto, vejamos abaixo algumas respostas da pergunta 10 do questionário.

A pergunta: *Como o fato de ter que trabalhar implica na sua jornada acadêmica? Explique.*

Participante 7.

O trabalho reduz o tempo disponível para os estudos, tornando a rotina mais corrida e cansativa. Essa rotina de certa forma me obriga a selecionar as atividades mais urgentes para serem feitas, postergando trabalhos acadêmicos importantes que também necessitam de mais tempo para serem realizados, mas pelo fato de terem um prazo maior e o meu tempo estar mais curto devido a jornada de trabalho, acabam sendo realizados mais próximos do prazo, causando estresse e preocupação.

Participante 6.

Por muitas vezes a jornada de trabalho influenciou e influencia na matrícula ou não de disciplina, pois ocorre do horário de aula coincidir com o horário de trabalho. O fato de trabalhar também dificulta a realização de estágio, por causa da carga horária exigida. Mesmo se matriculando apenas nas disciplinas do turno da noite o cansaço diário também tem consequência para a realização da disciplina com o êxito desejado.

As respostas elencam de forma clara, as dificuldades encontradas na tentativa de conciliar trabalho e estudo sem ser preciso abrir mão de algum. As limitações provenientes da rotina da falta de tempo, principalmente, impõem entraves que majoritariamente recaem sobre os estudos. Ou seja, observa-se o trabalho se configurando como condição primária para quem forneceu as respostas.

A relação entre trabalho e estudo é marcada pela constante dificuldade de conciliação dessas duas instâncias que ocupam grande parte do cotidiano dos

estudantes. Há o distanciamento e a falta de articulação entre as dimensões estudo e trabalho, ocasionando desgastes físicos e emocionais[...] (Pereira, Coutrim, 2020, p. 05).

Ademais, as respostas proferidas evocam uma questão muito sensível e comum à rotina de quem vivencia uma dupla jornada: o cansaço e o estresse. Ter que assistir aula cansado impacta significativamente no rendimento, uma vez que pode limitar a atenção e o nível de aproveitamento da aula e do conteúdo dado.

Nos dados obtidos, nota-se de forma explícita que as demandas da universidade ficam em segundo plano. Isso não quer dizer que os estudos acadêmicos não sejam relevantes, apenas são mais sujeitos a possíveis ajustes, postergar uma atividade acadêmica não é o desejo do indivíduo, mas se torna uma necessidade.

A condição ocupacional também impacta muito na vivência universitária, pois o tempo de trabalho concorre com o tempo de estudo. Estudantes ocupados dedicam semanalmente menos horas de estudos fora da sala de aula e frequentam menos vezes bibliotecas. Têm menos condições de estudo porque dividem sua rotina entre estudo e trabalho. (Trópia, Souza, 2023, p. 15)

Observa-se um cenário em que o contato com a universidade se restringe muito à presença na instituição para assistir aula, ficando bem mais escasso o acesso a outros espaços universitários, atividades culturais e horas complementares oferecidas pela instituição, desta forma, impondo limitações ao processo formativo.

A participante 7 afirmou ter uma carga horária laboral de 20 horas semanais, enquanto a da participante 6 é de 40 horas, formalmente 4 e 8 horas diárias, respectivamente. Apesar da discrepância na carga horária, em ambos os casos nota-se um significativo impacto na rotina acadêmica, seja através do cansaço, seja a partir da

ausência de tempo hábil para cumprir demandas do curso.

A questão 11 do formulário trazia a seguinte pergunta: *A estrutura do curso favorece quem estuda e trabalha?* Essa questão levantou respostas em duas frentes. 1) Horário dos cursos e 2) Estrutura curricular, as respostas captadas apontaram aspectos positivos e negativos. Vejamos abaixo.

Participante 2.

Não... Pois no meu caso eu não pude me matricular em outra disciplina por conta do horário. Pois eu trabalho até 17:20 e o horário de algumas disciplinas do curso inicia às 16h, então tive que fazer a escolha, ESTUDAR ou TRABALHAR. Nesse caso eu me matriculei em apenas naquela que não atrapalha meu trabalho, com isso irei atrasar bastante o curso.

Participante 4.

Não, apesar da compreensão da maioria dos professores, quando chega no estágio, quem trabalha é muito prejudicado pois em tese sempre existe um choque de horários entre trabalho/estágio, e quando não conseguimos a liberação do trabalho, temos que optar por postergar esta parte obrigatória do curso.

O impacto se manifesta na necessidade de dar preferência a uma atividade causando prejuízo sobre a que foi preterida, no caso o trabalho é posto como prioridade em razão de ser menos flexível que o curso, bem como, por ser fonte de renda indispensável.

O grande desafio posto ao estudante trabalhador é conciliar tempo para o trabalho e para as exigências da vida universitária, considerando as que o estudo só é possível numa situação aquém da necessária para uma boa formação profissional. Assim, as condições reais de estudo e participação em atividades acadêmicas extraclasse estão diretamente vinculadas à quantidade de tempo e dedicação que o trabalho exige desse estudante. Ou seja,

no caso das camadas populares, deixar de trabalhar não é uma opção e, portanto, o estudante necessita preservar o emprego em detrimento até dos estudos. (Pereira, Coutrim, 2020, p. 08).

Neste sentido, um fator positivo que pode ser avaliado é a disponibilidade de disciplinas noturnas, pois permite ao estudante ir adiantando as que forem ofertadas no turno, evitando que o atraso para a diplomação seja maior. Desta forma, convém a instituição diversificar os horários de oferta das disciplinas, preferencialmente as obrigatórias. Assim sendo, vale destacar a resposta da participante 6 da pesquisa.

[...] Não, inclusive algumas colegas de curso acabaram atrasando seus estágios, pois os encontros presenciais com o professor orientador estavam sendo realizados no horário de 16h às 18h e, portanto, quem trabalha até às 17h não conseguiu participar. [...] Vale ressaltar que diante da situação, nós conversamos com a coordenação do curso para que houvesse ajustes nos horários das aulas, principalmente porque se trata do curso específico, que deve ter aulas noturnas. Após as reivindicações estudantis foi feito o ajuste nessas aulas de estágio no semestre seguinte para que todos pudessem participar.

O horário de 16 às 18 horas, mostrou-se praticamente inútil para quem trabalha pela tarde. É interessante este entendimento por parte da coordenação dos cursos para que se proponha correções. O ajuste feito é de suma importância, uma vez que torna a disciplina menos restrita, possibilita aos que trabalham até o fim do dia tenham melhores condições de frequentar e por consequência reduz a possibilidade de reprovação, truncamento e até mesmo de evasão.

Nas respostas, o estágio se apresentou como uma questão sensível. É um ente indispensável no sentido formativo, e é uma disciplina obrigatória. Geralmente a realização desta atividade ocorre em horários

livres e/ou no contraturno do curso, pois facilita a conciliação do trabalho e outras disciplinas cursadas. No entanto, para quem trabalha durante o dia e tem aulas durante a noite, fica muito difícil a realização do estágio, pois há pouco tempo útil. O participante 4, que destacou a questão do estágio, exerce uma carga horária semanal de trabalho de 40 horas, ou seja, a disponibilidade para estágio acaba sendo muito restrita. Portanto, é pertinente que a instituição proponha alternativas para que o graduando tenha condições de cumprir o estágio.

Se por um lado algumas respostas apontam para uma estrutura desfavorável para quem estuda e trabalha, por outro lado houve respostas indicando que a estrutura favorece. Vejamos.

Participante 9.

Sim, o curso tem em sua maioria disciplinas ofertadas no turno da noite, isso favorece bastante quem precisa trabalhar nos turnos da manhã e/ou tarde.

Participante 5.

A forma que é organizado o curso em relação a horários, os tipos de atividades ajudam a pessoa que trabalha. Tem como a pessoa que trabalha participar do que o curso oferece.

Vargas e Paula (2013), nos dizem “a condição de trabalho impõe limites ao turno em que o aluno pode estudar.” (p. 471). Portanto, cursos ofertados pela noite possuem tendência natural de atrair trabalhadores, que majoritariamente trabalham pela manhã e/ou pela tarde. “Estudar no período noturno é para muitos a única opção para prosseguimento de estudo, pois trabalham durante o dia” (Mesquita, 2010, p. 18). Assim sendo, o ensino noturno configura-se como uma ferramenta pertinente de inclusão do trabalhador no ensino superior, mesmo que este acesso tenha suas limitações (cansaço, ausência de intervalos,

aproveitamento reduzido), está fornecendo uma condição para que se obtenha uma formação superior e por consequência maiores condições de mobilidade social e migração para trabalhos com melhores remunerações.

A resposta do participante 5 suscita um dado muito importante, que é a capacidade de acolhimento dos cursos de licenciatura para aqueles que trabalham. Historicamente por sua grande oferta em horários noturnos e por muitas vezes oferecerem um menor grau de dificuldade se comparado a alguns bacharelados.

A realidade mostra que apenas as licenciaturas e poucos cursos em bacharelado estão à disposição para quem tem que conciliar trabalho e estudo, ou seja, permite-se aos que trabalham e estudam prosseguir seus estudos em áreas que vão cobrar menos tempo dos graduandos. Melhor dizendo as licenciaturas, incluindo a Pedagogia, são cursos que a priori cobram menos de seus alunos, pois lhes permitem dividir o tempo do trabalho com o tempo de estudo (Mesquita, 2010, p. 103).

Sobre este prisma, destaca-se um fator positivo, relativo às condições de oferta, acolhimento e possibilidade de conclusão do curso. Por exemplo, em Brejo Santo, o IFE, unidade foco desta pesquisa, recebe um significativo contingente de trabalhadores e uma boa parte consegue sair diplomado, reforçando a importância das licenciaturas noturnas para estas pessoas. Por outro lado, há também um dado negativo, que é a restrição de oportunidades na busca pelo ensino superior, escancarando uma busca desigual. Alguns cursos como direito, engenharias, medicina, enfermagem etc. ocorrem em tempo integral, portanto, acabam sendo opções distantes para trabalhadores. Todavia, em torno dessa discussão, é importante não estabelecer juízo de valor acerca dos cursos de licenciatura, os colocando em posição de demérito ou de

baixa qualidade por ser de mais fácil acesso e conciliação.

As discussões acerca das condições de acesso à universidade por parte do público pesquisado nos remetem a um debate necessário acerca das condições de amparo fornecidas pela universidade a este público. Partindo do princípio o estado deve fornecer mecanismos que possibilitem a escolarização do cidadão, entende-se que este público não pode ser abandonado à própria sorte sem que haja ações efetivas por parte da instituição. Neste sentido, analisemos agora as respostas da pergunta 12 do questionário.

Pergunta: Na sua opinião, a universidade dispõe de mecanismos que ampare a jornada acadêmica de quem estuda e trabalha? Justifique sua resposta.

Participante 8

Não, temos como exemplo a ausência de auxílios para quem está na segunda graduação. Quando estamos na específica temos que trabalhar para poder continuar na universidade, já que nem sempre o pessoal da específica consegue auxílios, além da questão dos horários, de professores que reprovam por falta o pessoal que trabalha.

No IFE, a específica supracitada é um segundo curso de graduação ofertado e opcional para quem termina a licenciatura interdisciplinar em ciências naturais e matemática (LICNM). Essa específica por ser uma segunda graduação não permite que o discente tenha acesso a auxílios financeiros e ou que tenha isenção no refeitório universitário. Portanto, a resolução para esta situação deve partir da instituição, no entanto, é preciso levar em consideração as restrições orçamentárias que impactaram as universidades federais nos últimos anos, bem como, entender os limites e condições que permitam a instituição corrigir este problema. De encontro a isso, trago outra resposta de um dos participantes da pesquisa.

Participante 9.

Existe a tentativa, mas a questão é que não é possível amparar a todos e também não é possível amparar totalmente em termos financeiros, isso de certa forma obriga estudantes a procurarem meios de se manterem.

Neste sentido, o que pode ser feito por parte da instituição é um mapeamento de quem mais necessita da assistência estudantil e garantir que os auxílios sejam corretamente destinados, garantindo condições de permanência e conclusão do curso. O acompanhamento pedagógico e de serviço social podem auxiliar nesta questão.

Dando prosseguimento à discussão, um dado importante refere-se à estrutura curricular.

Participante 4.

Não, pois temos uma ementa que tem que ser cumprida e a maioria dos professores querem cumprir. E também acredito que três estágios na específica sendo que já viemos de três estágios na LI é um desperdício e um agravante para a não finalização do curso.

A questão do cumprimento da emenda é algo padrão e pelo menos a maior parte de seu escopo deve ser cumprido. A questão do estágio, por sua vez, pode ser discutida e repensada. Vejamos, este participante 4 está no curso de matemática, desta forma conclui-se que ele se graduou primeiro na LICNM, nesta primeira graduação, o estudante já passa por três estágios. Alguns cursos específicos (pós LICNM) permitem o reaproveitamento de pelo menos um estágio anteriormente cursado, no entanto, outros exigem a realização de mais três estágios (é o caso da matemática). Como já discutido anteriormente, a realização dos estágios para quem trabalha é uma tarefa mais difícil, uma vez que este dispõe de menos hábil para a realização da atividade. Neste sentido, surge a necessidade de no mínimo repensar a estrutura curricular, pelo menos para se permitir o reaproveitamento, fazendo que o estágio não seja um entrave à formação.

Por fim, trouxemos uma resposta que sinaliza ações realizadas que tiveram impacto relevante para a comunidade estudantil do IFE.

Participante 6.

No decorrer dos anos que precisei trabalhar e estudar para me manter na graduação, pude perceber mudanças significativas para a minha permanência no curso. Hoje temos uma grande melhoria no prédio, que possibilita um pouco mais de conforto em relação aos estudantes que vão do trabalho para as aulas. Contamos também com o RU, que foi um diferencial para o curso, como para estudantes de outras cidades que precisam chegar mais cedo ao campus. São necessárias muitas melhorias para permitir a conclusão do curso, por uma quantidade maior de alunos.

Dois pontos a serem destacados, o primeiro é o prédio atual onde o IFE está localizado, anteriormente as aulas ocorriam em um colégio de ensino médio da rede estadual, com salas e cadeiras de baixa qualidade, estrutura arcaica e ar ruim. Com a mudança de local, melhorias na infraestrutura ocorreram, tornando o campus mais confortável, apesar das limitações. A chegada do Refeitório Universitário (RU), possibilitou e segue possibilitando que os estudantes do campus disponham de refeições saudáveis e de rápido e fácil acesso. Para o público trabalhador, o impacto pode ser considerado ainda mais significativo, pois evita que o indivíduo se alimente de ultraprocessados, coma requentado, ou até mesmo precise cozinhar às pressas. Empiricamente, observa-se no dia a dia, estudantes que trabalham de manhã e de tarde e que estudam a noite, nos intervalos utilizam do RU para alimentar-se, poupando tempo e reduzindo a necessidade de maiores locomoções.

Os resultados levantados e aqui apresentados evidenciam a quão diversa é a situação do público em análise, ao mesmo tempo que há pontos que o favorecem, como o horário e o RU, há também pontos que

impõem entraves ao seu processo formativo. Indo além, é pertinente entender de até que ponto esta situação pode representar garantia de êxito acadêmico ou risco de evasão.

Por fim, o arcabouço legal não possui, pelo menos por enquanto, nenhuma diretriz específica no que concerne a ações direcionadas à inclusão do trabalhador no ensino superior. De qualquer forma, algumas ações institucionais e até mesmo governamentais podem surgir e desta forma amparar melhor este público, bem como, democratizar o ensino superior.

Considerações finais

Durante sua jornada na universidade, o trabalhador-estudante ou estudante-trabalhador, enfrenta situações que restringem sua vivência universitária. A conclusão do curso ocorre mediante rearranjos que possibilitem a conciliação dos estudos com a jornada de trabalho, mesmo que isso atrase a conclusão, comprometa o nível da formação ou gere maiores desgastes físicos e mentais. Desta forma, observam-se vários aspectos a serem destacados e analisados quando se discute a presença no ensino superior do público em discussão.

Em Brejo Santo a oferta de cursos noturnos pode ser compreendida como um fator facilitador para que trabalhadores obtenham um curso de nível superior. Mas, é importante que se entenda que apesar desta oferta, há ainda uma gama de limitações que dificultam o percurso acadêmico daqueles que necessitam de trabalho.

Políticas institucionais sejam em micro ou macro escala são elementos essenciais e facilitadores que garantem um acesso menos dificultoso e desgastante. Restaurante Universitário e reorganização de horários de algumas disciplinas, apesar de parecerem ser pontos básicos, apresentam significativa relevância.

Os dados mostram que apesar das limitações, o IFE consegue dispor de condições que permitam ao trabalhador o

ingresso, a permanência e a conclusão do curso. Políticas institucionais podem melhorar as condições e tornar a instituição mais acolhedora e democrática.

Há ainda um longo percurso para a inclusão plena e efetiva do trabalhador no ensino superior, as condicionantes são diversas e exigem ações que não se desenham do dia pra noite. Mas, de qualquer forma, os resultados nos mostram que discutir e pesquisar esta questão é muito necessário, uma vez que nem sempre há um mapeamento da situação vivenciada por um contingente significativo no campus de Brejo Santo. Analisar e compreender o panorama que se encaixa este público permite discutir e propor alternativas que pelo menos torne mais confortável a sua manutenção na universidade.

Referências

CARDOSO, R. C. L.; SAMPAIO, H. (1994). Estudantes universitários e o trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 9(26), 1-31. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/S3ZQy57p6XDSrv5GZHzCfkS/?lang=pt>. Acesso em: 10 de ago. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 346p.

MESQUITA, Maria Cristina das Graças Dutra. **O trabalhador estudante do ensino superior noturno: possibilidades de acesso, permanência com sucesso e formação**. 2010. 193 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2010.

PEREIRA, Lucinéa de Souza; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Estudantes trabalhadores de camadas populares em seu desafio cotidiano de conciliar trabalho e estudo. **Revista Educativa - Revista de**

Educação, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 7376, 26 jan. 2021. Pontifícia Universidade Católica de Goiás -PUC Goiás. <http://dx.doi.org/10.18224/educ.v23i1.7376>.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo-SP: Cortez Editora, 2007. v. 1. 304p.

TOMBOLATO, Mário Augusto; SANTOS; Manoel Antônio. Análise fenomenológica interpretativa (afi): fundamentos básicos e aplicações em pesquisa. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica**, Vol. XXVI-3, 2020, 293-304. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000300006. Acesso em: 10 de ago. 2023.

TRÓPIA, Patrícia Vieira; SOUZA, Davisson Charles Cangussu de. As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais. **Pro-Posições**, v. 34, 2023.